GAZETA MERCANTIL

LEITURA DE Fim de Semana

SEXTA-FEIRA, 28, E FIM DE SEMANA, 29 E 30 DE MAIO DE 1999

Baú de frases nítidas

Décio de Almeida Prado lança história do teatro brasileiro e relembra episódios de sua atividade como crítico

Rosane Pavam
de São Paulo

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos, aquela década de 1940 em que Décio de Almeida Prado iniciava seu trabalho como crítico de teatro em São Paulo. Melhor dos tempos porque, neles, o analista de espetáculos podia usar os jornais para produzir longas e refletidas digressões sobre um grande tema. E pior dos tempos por uma razão prosaica: nenhum crítico de teatro de então poderia reivindicar assinar um texto, uma vez que sua opinião deveria coincidir com a do jornal empregador. Décio de Almeida Prado, o maior crítico de teatro brasileiro, ganhou o direito de assinar suas análises somente cinco anos após sua contratação pelo jornal "O Estado de S. Paulo", ocorrida em 1946. E fez jus à honraria. Elegante, reinventou a linguagem do analista; sóbrio, sistematizou a ética do novo pensador; e, mestre, enterrou o segredo de sua ocupação num baú de frases claras.

O crítico, assim insistentemente intitulado, mesmo depois de 31 anos afastado do ofício, nega importância a sua iniciativa revolucionária — a de escrever com simplicidade sobre uma arte complexa, síntese de muitas outras. Aos 82 anos, entrevistado em sua residência no Pacaembu, em São Paulo, ele diz que não inventou muito: "Escrita aparentemente fácil é influência do jornal." Foi, de fato, o jornalismo seu grande encaminhador. Décio de Almeida Prado hoje se dedica à história do teatro — lança, pela Edusp, uma "História Concisa do Teatro Brasileiro (1570-1908)" —, mas, se não houvesse passado pelo ambiente redacional, onde escribas eleitos decidem o que é importante apregoar ao leitor, talvez se tivesse deixado levar por uma outra arrogância, a dos donos do saber indivisível.

Seus amigos eram príncipes. Alfredo Mesquita os reuniu na revista "Clima"

Foi assim quando Décio começou. Todos os seus amigos eram príncipes. Estudante de Filosofia, ele tomava café nas confeitarias da rua Barão de Itapetininga em companhia de futuros luminares da cultura, os "chato-boys" na designação do escritor Oswald de Andrade (que se divertia com o ar grave dos novos intelectuais e era amigo deles), quando Alfredo Mesquita, seu professor, sugeriu que escrevessem sobre o objeto de sua tagarelice. Em 1941, ano em que ocorria a estréia de "Cidadão Kane", de Orson Welles, estava instaurada no Brasil a revista "Clima", lotada de colaboradores cuja especialidade também fora sugerida por Mesquita. Antonio Candido, o mais erudito dos amigos, escreveria sobre literatura; Paulo Emilio Salles Gomes, que amava ler, falaria sobre cinema, sua diversão, e Décio de Almeida Prado, que passara dois meses na França e outra temporada nos Estados Unidos assistindo a novas montagens, se encarregaria de teatro.

Os meninos, com toda a razão de Oswald, eram "chatos". Não se contentavam com a simples existência de uma literatura, de um cinema, de um teatro nacionais. Queriam uma nova literatura, um novo cinema, uma nova dramaturgia para um novo país. Décio de Almeida Prado começou assim, "chato". E louco, também, para que o país abrigasse uma nova dramaturgia. Era 1941, esse ano mágico em que a peça "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, arrebentava os portões da novidade no Rio, com a direção do polonês Ziembinski e atuação do grupo Os Comediantes. Depois de Nelson e Ziembinski, nunca mais um espetáculo brasileiro seria o mesmo e ninguém ousaria "regredir" aos maneirismos de Procópio Ferreira, esse diretor-ensaiador que, um dia, fora a paixão de Décio, e que um dia, ele, o crítico "chato", fiel a suas convicções, se sentiu na obrigação de rejeitar.

História Concisa do Teatro Brasileiro (1570-1908)
de Décio de Almeida Prado
Edusp, 176 págs., R$ 15

A geração de Décio não mais aceitaria que, à moda de Procópio, os diretores apenas marcassem os lugares de cena. O diretor deveria ser o criador, o "chato" supremo. A turma da Barão de Itapetininga precisava reinventar o mundo. "Não que propriamente eu desejasse criar a nova crítica teatral, mas eu integrava o grupo que queria fazer o teatro moderno no Brasil", diz Décio. "O que a Semana de Arte Moderna havia realizado em relação ao romance, à poesia e à música, nós queríamos fazer em relação ao teatro."

Para formar o teatro moderno no Brasil, o crítico de "Clima" precisaria, ele também, encenar. Encenar, aliás, foi uma palavra redescoberta por ele. Em São Paulo, todo mundo era francês e, seguindo o vocabulário dramatúrgico, "mis-en-scène" significava o espetáculo e "metteur-en-scène", o diretor. Décio de Almeida Prado tomou a liberdade de, em suas críticas, nacionalizar essas designações, já inscritas nos dicionários. Depois dele, "mis-en-scène" se tornaria encenação e "metteur-en-scène", o encenador. Ser brasileiro era a grande transformação.

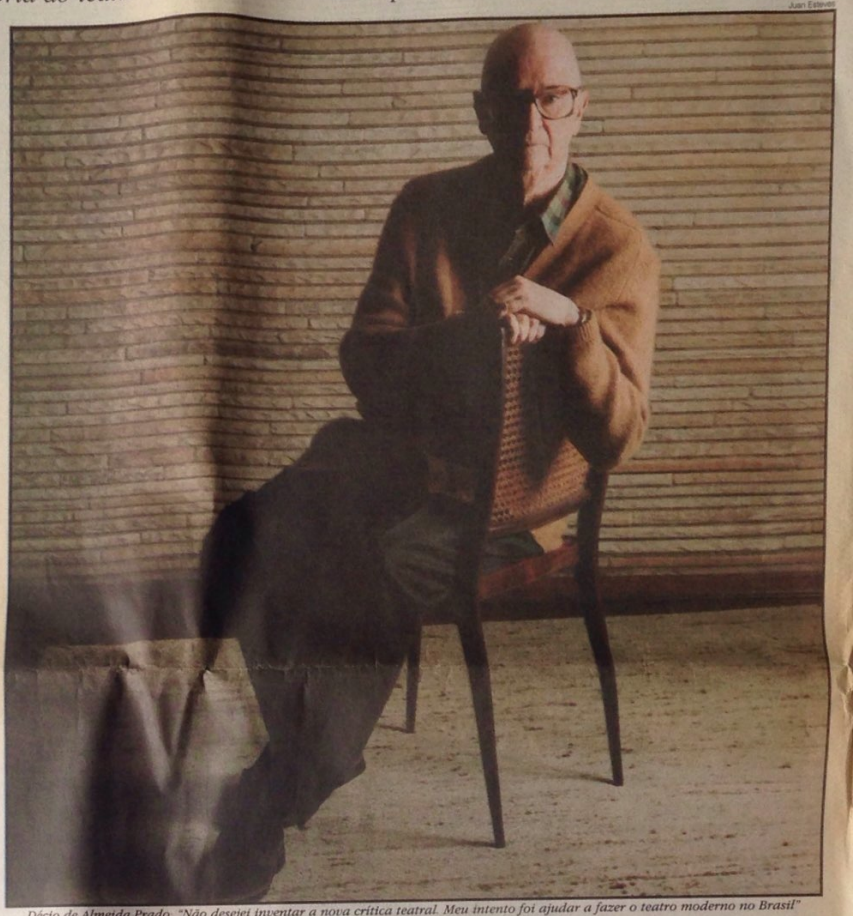
A carreira de Décio como encenador foi curta. Dirigiu três peças dentro do Grupo Universitário de Teatro, uma delas de Gil Vicente, "O Auto da Barca do Inferno". Neste trabalho, ele contou com Cacilda Becker, à época radioatriz da emissora Gazeta. Aos 22 anos, a futura grande dama do teatro brasileiro se destacava no papel de uma velha. Mas a fonte se esgotou com a criação do Teatro Brasileiro de Comédia, em 1948, e a chegada ao país de encenadores italianos, como Adolfo Celi. "Já sabia e percebi mais ainda que eles tinham uma vocação que eu não tinha. Eu era um encenador muito amador", diz. "Minha vocação era de crítico. Sou mais uma pessoa reflexiva do que ativa."

Décio de Almeida Prado pode enganar quem o lê. Quando escreve, é amparado por construções frias. Mas nem sempre se exprime assim. Em sua trajetória, ficou marcado pela atuação calorosa, por buscar os nomes em ascensão e distribuí-los nos palcos. Tudo pelo teatro moderno! Nos anos 60, o diretor Antonio Abujamra deu a dimensão de sua bisbilhotice com uma inquietação: "Você está em todo lugar." Foi Décio, por exemplo, quem convenceu Jorge Andrade a aceitar Fernanda Montenegro como atriz de "A Moratória", em 1955. Andrade via nela uma descendente de Henriette Morineau, e Décio lhe mostrou que Fernanda Montenegro poderia ser menos que madame num palco comercial.

"No meu tempo, havia uma comunhão muito grande entre os novos", ele conta. Todos o procuravam. José Celso Martinez Corrêa, por exemplo, bateu à sua porta antes de conceber o Oficina. O Zé Celso que Décio conheceu era um pouco diferente do que é hoje. Chamava de "futuristóide" a peça "O Rei da Vela", de Oswald de Andrade, embora a tenha encenado posteriormente com invento. O crítico reconhece seus talentos, mas está chateado com ele. Durante a ditadura militar, Zé Celso criticou a Comissão Estadual de Teatro, presidida por Décio, que funcionava como um organismo distribuidor de dinheiro público a projetos dramatúrgicos — um organismo sugerido ao então governador Jânio Quadros pelo crítico, e mantido após a turbulência golpista. Décio se orgulha de ter dado dinheiro para o Oficina mesmo depois de 1964. Mas houve uma vez, no ano de 1967, em que José Celso, querendo mais verba para uma sucessão de projetos, resolveu fazer "um berreiro" contra a comissão. Mais tarde, o diretor também se posicionou contra a crítica, que "perturbava" o bom andamento de seus espetáculos. Décio se sentiu atingido pelas duas atitudes, embora as críticas de Zé Celso não fossem pessoais. Não assiste a um espetáculo do diretor faz 31 anos. "Vi que, para ele, só existe ele no mundo."

Ao contrário do que se imagina, Décio não se furta a manifestar o que pensa. Mas, antes, ele precisa saber do que fala. Lembra-se de que gostou de Giulia Gam na montagem de "Romeu e Julieta", de Antunes Filho. Emocionou-se com Cacá Carvalho em "Macunaíma", do mesmo diretor, e "Meu Tio Jaguaretê". "Ele é impressionante. Em termos de expressão corporal, nunca vi nada igual." Mas não peçam que ele diga que o que há hoje, em teatro, é pior do que houve ontem. E isso porque não se considera ativo para especular sobre o assunto: há dez anos não assiste a uma peça. É claro que se espanta com esse teatro contemporâneo, eminentemente visual, executado em casas cada vez menores. ("Ouvi dizer que um ator encenará uma peça em seu quarto!") Mas, em teatro, ele sabe bem que um encenador pode virar o jogo. Nos anos 80, assistiu curioso ao espetáculo "Carmen com Filtro", de Gerald Thomas, mas engoliu a decepção. Gostou da música de Jacques Morelenbaum, do cenário de Daniela Thomas, mas não viu nada de especial no resto. "Ao contrário do que se dizia, que era um teatro puramente teatral, eu o achei muito verborrágico. Foi do que não gostei: do texto de Gerald Thomas."

Décio gosta de ressaltar: "Em minha vida, nunca ninguém me pediu uma crítica favorável, nem nunca ninguém me pediu dinheiro da comissão de teatro." O crítico ficava distante dos camarins, nos quais nunca entrava após um espetáculo. "Eu achava que devia ter o mesmo contato com a peça que o público." Décio manteve o respeito dos protagonistas e também daqueles que o empregavam para opinar. Julio de Mesquita Filho, que o contratou como crítico de "O Estado de S. Paulo", uma vez o chamou para uma conversa. Queria que ele explicasse por que falara mal de um espetáculo bem acolhido pela direção comercial do jornal. "Eu lhe disse: 'Estamos fazendo uma transformação do teatro. Está havendo uma renovação com novos critérios. É uma fase de severidade.' Não se falou mais nisso e fiquei livre para prosseguir."



Juan Esteves

Décio de Almeida Prado: "Não desejei inventar a nova crítica teatral. Meu intento foi ajudar a fazer o teatro moderno no Brasil"

No início, Décio escrevia em casa. Primeiro, um texto de apresentação crítica da peça, curto. Depois, outros durante a semana, mais longos. Ninguém coibia o crítico, delimitava prazos ou impunha número de linhas. O homem que recebia seus textos chamava-se Sérgio Milliet. "A sorte que eu tive é que, naquela época, os editores não tinham a importância que têm hoje", diz. "Eu não tinha chefes." Foi nos anos 50 que Luiz Carlos Mesquita, o então diretor comercial do jornal, inspirado no modelo americano, decidiu que ele deveria produzir sua análise na noite de estréia do espetáculo. Constrangido, o pensador se lançou à labuta. Ainda em casa, ele redigia sua crítica de 30 linhas. O texto chegava ao jornal às 2 horas do dia seguinte e atrasava a impressão. O pior dos tempos.

O crítico só conheceu a redação em 1956, quando Antonio Candido apresentou a Julio de Mesquita Filho o projeto do "Suplemento Literário". Iniciativa inovadora, o "Suplemento" apresentava críticas de teatro, música, cinema e literatura, publicava poemas, mas não comentava biografias. Os colaboradores recebiam seu pagamento na hora de entregar os textos — o valor era quatro vezes maior do que o veículo de maior expressão da época, o "Jornal do Brasil", oferecia. Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Sábato Magaldi, Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira, todos entregaram de bom grado suas reflexões a Décio, o diretor do suplemento.

Tão bem-sucedida foi a iniciativa que, depois de dez anos, ela era alvo de um grande ciúme interno no jornal. Décio não aceitava a pressão por mudanças no formato do caderno, até então eficaz. "Se você considera que um jornal vai durar cem anos, dez anos não é muito tempo." O diretor do "Suplemento" o abandonou em 1967, um ano antes de deixar sua atividade como crítico no mesmo jornal, num episódio que envolveu a entrega do prêmio Saci à classe teatral. Diretores, dramaturgos e atores não aceitavam que o "Estado", que criara o prêmio, houvesse emitido uma nota pedindo o fim de "excessos" em determinados produtos culturais. Décio, que jamais se identificara com a censura, viu-se na contingência de abandonar o lugar que o acolhera.

De paixões múltiplas, o crítico passou a ensinar na universidade e a escrever a história. O teatro que Décio viu, nem sempre uma conjunção afortunada de letra, música, pintura e dança, foi esmiuçado em uma dezena de estudos publicados. Seu novo livro encerra esse jogo de iluminações. "Pode-se dizer as mesmas coisas em oito laudas ou em dez linhas. Pode-se escrever depressa ou devagar", pondera ele. O maior engenho de seu novo trabalho ensaístico é a expressão breve. "História Concisa", que começou a ser redigido em 1994, situa correções históricas. Delimita, por exemplo, o trabalho de José de Alencar como de natureza realista, conforme o entendia Machado de Assis, e vê contornos clássicos na obra romântica de Gonçalves Dias.

"Pode-se dizer as mesmas coisas em oito laudas ou em dez linhas", pondera

Escrito de acordo com as regras historiográficas, com respeito aos fatos e sua sucessão, o novo livro de Décio não se furta a operar como um bom romance, de narrativa enovelada, crescente em expectativas. Do início amador nas casas de ópera, fica-se sabendo como o teatro evoluiu para os dramas românticos encerrados nos teatros. Sua "História" vem recheada de relatos de época e situa a importância de autores como José de Anchieta e Martins Pena e atores como João Caetano, todos analisados de forma pormenorizada em seus livros anteriores.

Décio de Almeida Prado considera já ter dado muito de si ao teatro. Suas pernas doem e às vezes lhe vem a sensação de desequilíbrio — por isso, não freqüenta mais as casas de espetáculos. Também não comenta suas leituras na área: elas não existem. Atualmente, lê em desordem, "da melhor maneira", a biografia "Max Weber — A Política e o Espírito da Tragédia", de John Patrick Diggins, e "A Imaginação", de Jean-Paul Sartre. Ainda assiste, pela tevê, à desenvoltura de seu time do coração, o São Paulo. Décio adora futebol, mas não pelo que o esporte encerra como metáfora da vida. Sua paixão é mesmo a técnica, a desenvoltura que teve Sócrates e não a tem o irmão Raí, um campeão da moral. Décio espera que o técnico Wanderley Luxemburgo, aquele engravatado muito ao estilo indústria e comércio ("Ele sabe conversar com jornalista e jornalista vai na conversa dele"), dê certo à frente da seleção.

O historiador e crítico tem outro esporte na lista dos espetaculares: o tênis. Está impressionado com Gustavo Kuerten, o brasileiro entre os dez melhores do mundo. A descrição de suas qualidades é irresistível: "Ele força a bola, vem pra rede, corta muito bem, a bola pinga do outro lado, coisa incrível, movimento preciso." Décio de Almeida Prado compreende o jogo da precisão. Há 60 anos, era um jovem paulistano remediado, leve e solto, um fã de futebol que assistia aos jogos a dez metros do campo, em seu automóvel conversível, na São Paulo provinciana. Hoje, embora não tome chá de fardão na Academia Brasileira de Letras, como seria de esperar, está situado na memória nacional como um grande autor entre aqueles de seu tempo, o melhor dos tempos. Eis um saque preciso a comemorar. ■

Scanned by CamScanner